

Quaresma 2014

PARTILHAR PARA HUMANIZAR

Percurso de Quaresma Fé e Desenvolvimento



ENQUADRAMENTO

ENQUADRAMENTO

O tempo de Quaresma, tempo de avaliações, dá-nos a oportunidade de parar e repensar o Desenvolvimento como transformação para mais Vida, através de diferentes perspetivas. A FEC – Fundação Fé e Cooperação, promove através deste percurso, mais um espaço de reflexão e interpelação sobre o desenvolvimento humano integral, o desenvolvimento sustentável, a promoção da justiça e cidadania global, pondo em diálogo Igreja e Sociedade Civil.

O desenvolvimento é a passagem de condições menos humanas a condições mais humanas (Encíclica Populorum Progressio). Num percurso guiado por diferentes reflexões, sugerimos como interpelação de fundo - **Partilhar para Humanizar**, associando-nos ao mote inspirador da Mensagem do Papa Francisco para esta Quaresma - *Fez-Se pobre, para nos enriquecer com a sua pobreza* (cf. 2 Cor 8, 9). Cristo veio ao Mundo e partilha a Sua vida connosco para nos humanizar e nos tornar humanizadores.

Diz-nos o Papa Francisco: *Em que consiste então esta pobreza com a qual Jesus nos liberta e torna ricos? É precisamente o seu modo de nos amar, o seu aproximar-Se de nós como fez o Bom Samaritano com o homem abandonado meio morto na berma da estrada (cf. Lc 10, 25-37). Aquilo que nos dá verdadeira liberdade, verdadeira salvação e verdadeira felicidade é o seu amor de compaixão, de ternura e de partilha.*

A miséria material é a que habitualmente designamos por pobreza e atinge todos aqueles que vivem numa condição indigna da pessoa humana: privados dos direitos fundamentais e dos bens de primeira necessidade como o alimento, a água, as condições higiénicas, o trabalho, a possibilidade de progresso e de crescimento cultural. Perante esta miséria, a Igreja oferece o seu serviço, a sua diakonia, para ir ao encontro das necessidades e curar estas chagas que deturpam o rosto da humanidade.

Partilhar para Humanizar cada pessoa e todas as pessoas, passa pois pelo Direito à Educação, Saúde, por uma Economia que serve o Bem Comum. A proposta deste percurso é, pois, rezar diferentes Partilhas de Direitos e Deveres que humanizam.

O QUE SE PROPÕE

Mais do que sugerir propostas de ação para esta Quaresma, queremos catalisar um tempo de reflexão forte no eixo Fé e Desenvolvimento. As bases de partida para esta reflexão são as leituras próprias da liturgia de Quaresma e Pascoa, sobre as quais apresentamos diferentes meditações a partir de diferentes perspetivas.

ENQUADRAMENTO

ETAPA	MOTE	RESPONSÁVEL
5 Março 4ª FEIRA DE CINZAS	DA PLATEIA AO PALCO FEZ-SE POBRE PARA NOS ENRIQUECER	D. MANUEL CLEMENTE (PATRIARCA DE LISBOA) D. ANTÓNIO COUTO (BISPO DE LAMEGO, PRESIDENTE DA COMISSÃO EPISCOPAL DAS MISSÕES)
9 Março I DOMINGO DA QUARESMA	A PARTILHA COMO FONTE DE UMA SOCIEDADE NOVA	PAULA FONTOURA (ISEG, GRUPO FÉ E ECONOMIA)
16 Março II DOMINGO DA QUARESMA	EDUCAÇÃO PARA A ESPERANÇA	ANA AIRES (ESE MARIA ULRICH)
23 Março III DOMINGO DA QUARESMA	DAR DE BEBER	PE. MANUEL AUGUSTO FERREIRA (MISSIONÁRIO COMBONIANO)
30 Março IV DOMINGO DA QUARESMA	SAÚDE PARA TODOS	JOÃO PAULO NUNES (ESCOLA SUPERIOR DE ENFERMAGEM S. FRANCISCO DAS MISERICÓRDIAS)
6 Abril V DOMINGO DA QUARESMA	PARTICIPAR NA CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE	PE. JOSÉ AUGUSTO LEITÃO SVD (MISSIONÁRIO DO VERBO DIVINO)
13 Abril DOMINGO DE RAMOS	DAR-SE ATÉ AO FIM	GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS (PRESIDENTE DO TRIBUNAL DE CONTAS)
20 Abril DOMINGO DA RESSURREIÇÃO	PARTILHAR A(S) BOA(S) NOTÍCIA(S)	MARGARIDA ALVIM (FEC)

A FEC é uma Organização Não Governamental para o Desenvolvimento (ONGD) fundada em 1990 pela Conferência Episcopal Portuguesa, pela Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal (CIRP) e pela Federação Nacional dos Institutos Religiosos (FNIS). Tem como MISSÃO promover o desenvolvimento humano integral através da cooperação

ENQUADRAMENTO

e solidariedade entre pessoas, comunidades e Igrejas. Numa sociedade em constante evolução e mudança, a FEC acredita que cada pessoa pode criar futuro, ser construtora de uma nova “pólis” e protagonista de uma sociedade mais justa. Para tal, aposta no trabalho em parceria e rede e dá prioridade ao acesso à Educação e Saúde. Promove a Igualdade de Género, os Direitos Humanos e a Sustentabilidade Ambiental e desenvolve ações de Advocacia junto dos decisores políticos, económicos, religiosos nacionais e internacionais, em prol da Justiça e Equidade Social. A FEC é membro de várias redes, entre as quais: Plataforma Portuguesa das ONGD, Confederação Portuguesa de Voluntariado e da CIDSE - Aliança Internacional das Agências Católicas para o Desenvolvimento. A FEC é reconhecida pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros Português e pela União Europeia.

5 de Março de 2014



DA PLATEIA AO PALCO

5 MARÇO | QUARTA-FEIRA DE CINZAS

DA PLATEIA AO PALCO

REFERÊNCIAS

- LEITURA I - Joel 2, 12-18
- SALMO RESPONSORIAL - Salmo 50 (51)
- LEITURA II - 2 Cor 5, 20 - 6, 2
- EVANGELHO - Mt 6, 1-6.16-18

REFLEXÃO

D. MANUEL CLEMENTE, Patriarca de Lisboa

Estamos num mundo em que nunca estivemos, porque nunca o mundo foi assim tanto um só. À distância dum clique, estamos na Austrália ou no Alasca, quase sentindo calor ou frio como quem lá mora. Problemas dali e daqui são-nos apresentados como nossos, inundações ou secas, guerras e grandes fomes.



Mas tudo isto nos atinge sobretudo os olhos, os ouvidos e a mente, com o grande perigo de ficarmos espetadores. Não no grande teatro do mundo, mas somente na sua plateia, balcão ou camarote, conforme a disponibilidade para os bilhetes.

Na exortação apostólica que nos dirigiu em novembro, o Papa Francisco refere a “crise do compromisso comunitário”, dedicando-lhe um capítulo inteiro. E é disso mesmo que se trata, quando a realidade se transforma em espetáculo, suscitando comoções episódicas com os problemas “dos outros”.

Soe então mais alto o clamor do profeta Joel em quarta-feira de Cinzas: «Rasgai o vosso coração!». Sim, porque só aí, no coração de cada um, acaba o espetáculo e começa o compromisso verdadeiro com a causa dos pobres de todas as pobreza e a implicação pessoal na resolução possível. Da plateia ao palco, para que palavras como “partilha” e “humanização” ganhem preenchimento e sentido.

Pode parecer impossível, para além de qualquer boa vontade. - Quem sou eu, tu e mais alguns, para humanizar um mundo que mais se amontoa do que realmente aproxima?

DA PLATEIA AO PALCO

Na sua mensagem quaresmal, o Papa Francisco, sempre ele, lembra-nos a resposta já dada: Em Cristo, Deus “fez-se pobre, para nos enriquecer com a sua pobreza” (cf. 2 Cor 8, 9). E convida-nos a adotar de vez o “estilo de Deus”, respondendo com o que somos, quando isso se resume simplesmente em aproximação e partilha.

Sem pretensão nem alarde, mas com uma vontade absoluta de ser com os outros e para os outros. Começando apenas, do perto para o longe, como através de nós Cristo continuará a ser resposta.

Santa Quaresma, porque Deus e os outros estão à espera!

Manuel Clemente, Patriarca de Lisboa



FEZ-SE POBRE PARA NOS ENRIQUECER

5 MARÇO | QUARTA-FEIRA DE CINZAS

FEZ-SE POBRE PARA NOS ENRIQUECER

REFLEXÃO

D. ANTÓNIO COUTO, Bispo de Lamego e Presidente da Comissão Episcopal das Missões

1. Na sua mensagem para esta Quaresma, o Papa Francisco convida-nos a acolher Jesus que, por amor, se fez nosso irmão, descendo ao nosso nível, para nos entregar o amor, a paz, a alegria, a fraternidade e a verdade. Por isso, veio ter connosco. De longe, só nos podia atirar dinheiro, mas não nos enriquecia. Fez-se, pois, pobre, para nos enriquecer com a sua pobreza (2 Coríntios 8,9).



2. Mas como Jesus não veio apenas ao meu encontro para só a mim se entregar por amor e só em mim fazer nascer o amor, mas veio ao encontro de todos e a todos se entregou por amor, então a minha fé é verificada pelo meu amor a Deus e a todos os meus irmãos amados por Deus. Diz bem o Apóstolo: «Quem não ama o seu irmão, que bem vê, não pode amar a Deus, que não vê» (1 João 4,20).

3. E o Apóstolo insiste em pôr diante dos nossos olhos esta chave de verificação: «Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos. Quem não ama, permanece na morte» (1 João 3,14). A verdadeira morte não é então o termo da vida, mas aquilo que, desde o princípio, impede de nascer: o não acolhimento do Deus que vem por amor, para, por amor, fazer nascer em nós o amor e novas e impensáveis pautas de fraternidade.

4. Sim, então o amor ou a caridade não cabe, longe disso, naquilo que habitualmente designamos por solidariedade ou ajuda humanitária. O amor ou a caridade desborda sempre dessas realidades, e impele-nos ao anúncio do Evangelho, que é mostrar este Deus que vem por amor ao nosso encontro, para nos servir o amor e fazer nascer em nós, como resposta, o serviço humilde, próximo e dedicado do amor.

5. Por isso, o tempo da Quaresma é um tempo diferente. Não é o tempo segmentado de chrónos, em que se sucedem os dias e as horas, mas um tempo novo e insuspeitado, que a Bíblia chama kairós, que se mede, não pela quantidade, mas pela qualidade, não pelo que passa, mas pela plenitude: trata-se da enchente da Palavra de Deus que, inundando a nossa vida, reclama a nossa resposta amante e transforma a nossa vida.

DESENVOLVIMENTO PELA RESPONSABILIDADE

6. Um visitante estrangeiro foi visitar o famoso rabino polaco Hofez Chaim (1838-1933), e ficou espantado quando viu que a casa do rabino era apenas um simples quarto cheio de livros, e os únicos móveis eram uma mesa e um pequeno banco. «Mestre, onde estão os teus móveis?», perguntou o visitante. «E os teus onde estão?», retorquiu o rabino. «Os meus? Mas eu sou um visitante; estou aqui apenas de passagem», respondeu o visitante. «Também eu», retorquiu o rabino.

7. Sim, convenhamos que acabámos de assistir a uma eloquente lição de «renúncia» aos bens terrenos. Mas facilmente nos apercebemos que o termo «renúncia», hoje, nesta cultura de «Laodiceia» em que vivemos, e que obedece ao refrão «sou rico, enriqueci, e não preciso de nada» (Apocalipse 3,17), está claramente fora de moda e resulta incompreensível. «Deixar é perder», repetem tranquilamente os maus mestres.

8. Mas o Mestre mesmo, que é Jesus, ensina-nos a «renunciar» às coisas e até a nós mesmos, às nossas gorduras materiais e espirituais. «Renunciar» é «dizer não». Aos pesos que atrapalham a suavidade e a leveza que nos configuram ao Mestre (Mateus 11,28-30). A Quaresma é este tempo novo, não nosso, de fazer um verdadeiro jejum na nossa vida. Jejuar não é deixar de comer hoje, para comer amanhã. De nada nos valeria. Jejuar é olhar para a nossa vida, para a nossa casa e para a nossa mesa, até perceber que tudo é dom de Deus, não apenas para mim, mas para todos os seus filhos e meus irmãos, e, agir em consequência, partilhando com todos a minha vida, a minha casa, a minha mesa.

9. Deixemos, pois, nesta Quaresma, a enxurrada da Palavra de Deus tomar conta da nossa vida. No meio da enxurrada, perceberemos logo que não salvaremos muitas coisas, e que aquilo que mais queremos encontrar é uma mão segura que nos ajude a salvar a nossa vida. O tempo novo da Quaresma faz-nos sentir melhor o calor da mão de Deus na nossa mão (Isaías 41,13; Jeremias 31,32). Demos também nós a nossa mão aos nossos irmãos mais necessitados.

António Couto, Bispo de Lamego



A PARTILHA COMO FONTE DE UMA SOCIEDADE NOVA

9 MARÇO | I DOMINGO DA QUARESMA

A PARTILHA COMO FONTE DE UMA SOCIEDADE NOVA

REFERÊNCIAS

- LEITURA I - Gén 2, 7-9. 3, 1-7
- SALMO RESPONSORIAL - Salmo 50 (51)
- LEITURA II - Rom 5, 12-19 ou Rom 5, 12. 17-19
- EVANGELHO - Mt 4, 1-11

REFLEXÃO

MARIA PAULA FONTOURA

Professora Catedrática do ISEG, Departamento de Economia, Grupo Fé e Economia

É uma evidência que se o crescimento económico tem tirado muitas pessoas da pobreza, a desigualdade económica entre ricos e pobres atinge níveis completamente inaceitáveis e centenas de milhões de vidas continuam a ser desnecessariamente destruídas pela pobreza, má nutrição e doença. É tempo de pensar noutra forma de organizar a economia de mercado, que proporcione condições para o ser humano florescer. Existe hoje para muitos uma percepção de que a cultura do ter, própria do pensamento económico tradicional, precisa de ser substituída por outra cultura mais baseada no ser, isto é, na realização da vocação humana enquanto tal. Índícios do reconhecimento desta viragem são, por ex., a utilização do Índice de Desenvolvimento Humano (1) como indicador de progresso em alternativa ao PIB e projectos virados para o “bem viver” (2). Esta alteração de paradigma não poderá contudo ser feita de uma forma meramente tecnocrática. Uma nova cultura exige uma concepção antropológica do homem que valorize cada vida humana e se preocupe com o florescimento das suas capacidades. E só pode ser construída com o homem capaz de fazer da sua vida um dom para os outros.



O cristão é convidado a ser esse homem novo, capaz de construir uma cultura de partilha. Mas há que ter claro qual o tipo de doação que leva a esta nova cultura. Não se trata de filantropia ou assistencialismo, nem sequer de mera generosidade. Trata-se de um dar-se, despojado do desejo de poder e controlo sobre os outros, da vaidade e do amor-próprio, da procura da própria compensação. A partilha evangélica tem como pressuposto o reconhecimento de paternidade transcendente comum a todos os homens, que faz do “próximo” o irmão de quem devemos cuidar.

A PARTILHA COMO FONTE DE UMA SOCIEDADE NOVA

Mas a comunhão fraterna a que o reconhecimento dessa paternidade nos obriga não deve ser entendida como uma mera sociabilização entre o eu e o outros. A inspiração e modelo é o Deus-trindade, comunhão de amor entre Pessoas. Na bela síntese de Chiara Lubich (3), “Senti que eu fui criada como Dom para quem está perto de mim, e quem está perto de mim foi criado por Deus como um Dom para mim. Como o Pai, na Trindade é tudo para o Filho e o Filho é tudo para o Pai”.

Nesta quaresma somos mais uma vez convidados a refletir sobre como nos doamos e a seguir o exemplo de Cristo que “embora fosse de condição divina, não se apegou à sua igualdade com Deus; pelo contrário, esvaziou-se de si mesmo, tomando a condição de servo” (Fl 2,6-8). Quem se dispuser a segui-Lo neste movimento descendente tomará posse do tesouro escondido (Lc 15,31) e será construtor da sociedade nova, de uma economia de partilha, inspirando novos conceitos de leitura, de compreensão e de ação.

(1) Indicador compósito, usado desde 1993 pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) no seu relatório anual, que inclui dados de expectativa de vida ao nascer, educação e PIB (PPC) per capita.

(2) Ver Secretaría Nacional de Planificación y Desarrollo de Ecuador, Buén Vivir, Todo el mundo mejor, Plan Nacional 2013-2017 (2013) e Jackson, Tim, Prosperity without Growth: the transition to a sustainable economy (Sustainable Development Commission UK, 2009).

(3) Citado em “Economia de comunhão: cultura de partilha” de Vera Araújo, http://direto.amaivos.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=1046&cod_canal=31

Maria Paula Fontoura, Professora Catedrática



EDUCAR PARA A ESPERANÇA

16 MARÇO | II DOMINGO DA QUARESMA

EDUCAR PARA A ESPERANÇA

REFERÊNCIAS

- LEITURA I - Gen 12, 1-4a
- SALMO RESPONSORIAL - Salmo 32 (33)
- LEITURA II - 2 Tim 1, 8b-10
- EVANGELHO - Mt 17, 1-9

REFLEXÃO

ANA AIRES
PROFESSORA CATEDRÁTICA
NA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

A educação feita em casa, na vida e na escola e hoje implicando a instrução, deve possibilitar a cada pessoa, a todos e a cada um, a oportunidade de se tornar única. Assim, o ato de educar, sem excluir a responsabilidade de orientar, só ganha sentido pleno quando propicia ao educando as condições de se tornar um ser maturo e original, empenhado no Bem Comum e na transformação solidária da vida em sociedade.



Se educar não pode descuidar a resposta às necessidades de sobrevivência que assegurem a todos os humanos as condições mínimas de acesso à dignidade também não pode deixar de alimentar os alicerces de uma vida de relação enraizada em valores de partilha, superação e amor.

A educação para a partilha e desenvolvimento cultiva ainda o sentimento de pertença a um lugar, grupo, comunidade, possibilitando a expressão da originalidade e a não resignação a uma vida estereotipada por marcadores de género, idade, religiosos, económicos, étnicos ou de qualquer outra ordem.

Assumindo a família como vivência imprescindível quer da relação quer da capacidade e do jeito da partilha. Efetivamente, é em casa com pais, irmãos, avós e outros significativos que se aprende desde o estar à mesa aos restantes atos de vida de relação, em que com um pequeno toque cabe sempre mais um.

EDUCAR PARA A ESPERANÇA

Educar é inserir numa esperança comum, num projeto de serviço abrangente e de dádiva generalizada que restituiu humanidade à vida humana inspirando-se na Dádiva Redentora de Jesus ao fazer-se Homem para nos aproximar do Pai de quem nasceu todo o Bem.

É nesta dimensão Humana do humano que cada pessoa, criança ou adulto, pode aprender a (re)significar os momentos da vida enquanto possibilidades de emancipação pessoal e de serviço ao Bem Comum. Todas as pessoas deveriam ter direito a poder trilhar percursos de aprendizagem facilitadores de uma experiência transformadora, de si próprios e dos outros, em que aprender e ensinar na família, na escola, nas comunidades, se constituíssem como etapas de uma vida de relação eticamente empenhada e como projeto de Esperança e Alegria capazes de inspirar a ação e a vida de todos.

Ana Aires, Professora Catedrática



© LUSA

“DÁ-ME DE BEBER!”

23 MARÇO | III DOMINGO DA QUARESMA

“DÁ-ME DE BEBER!”

REFERÊNCIAS

- LEITURA I - Ex 17, 3-7
- SALMO RESPONSORIAL - Salmo 94 (95)
- LEITURA II - Rom 5, 1-2. 5-8
- EVANGELHO - Jo 4, 5-42

REFLEXÃO

PE. MANUEL AUGUSTO LOPES FERREIRA, MISSIONÁRIO COMBONIANO

As palavras do Papa Francisco, na sua mensagem para a quaresma de 2014, não foram propriamente novas. Já tínhamos ouvido motivações para e convites à conversão, à justiça e à partilha. Mas elas tocaram um registo novo, esquecido dentro de nós. Despertaram os nossos espíritos para novos horizontes: os horizontes de Deus que partilha para (nos) enriquecer, porque é Deus, é Amor e outra coisa não pode pensar, desejar, fazer...



A Quaresma é, assim, um tempo para nos sintonizarmos com esse registo da nova criação, da doação e da gratuidade, próprio de Deus; um tempo para entrarmos nesse patamar, nesse horizonte que torna possível recrear o universo, o mundo, as criaturas, as pessoas. Quando Deus se doa, partilha, só pode ser para criar de novo, enriquecer, divinizar.

Vivemos numa sociedade muito afastada deste registo criativo e solidário próprio de Deus. Nunca houve tanto para partilhar – recursos materiais, bens de consumo, pão e água, saber e tecnologias, meios de produção e de transporte – e nunca houve tanta desigualdade e injustiça como nesta sociedade que depressa globaliza os ganhos da acumulação e ganância, mas é lenta em globalizar a solidariedade e o amor que conduzem á partilha.

Afastando-nos deste registo da gratuidade de Deus, lamentamo-nos Dele e acusamo-nos reciprocamente. A história é velha, como nos recorda a primeira leitura (Êxodo, 17, 3-7) da liturgia deste Domingo Terceiro da Quaresma: «Porque nos tiraste do Egipto, para nos deixares agora morrer à sede do deserto do nosso egoísmo e insensibilidade?» Por indicação de Deus, Moisés bateu com a vara no rochedo e brotou água que trouxe alegria e

“DÁ-ME DE BEBER!”

fraternidade: o povo e os animais beberam e deixaram de se perguntar «está ou não o Senhor no meio de nós?».

Estar, está. Mas não o entendemos nem imitamos na sua partilha e generosidade. Paulo recorda-o na segunda leitura, afirmando que Cristo fez o que ninguém faria em termos de partilha. Ele morreu por nós, partilhou connosco a sua divindade, «quando éramos ainda pecadores». Entender este registo de Deus, entrar neste dinamismo de partilha, em que o empobrecer enriquece, só é possível pelo dom do Seu Espírito, a água da nova criação, que «derrama o amor de Deus nos nossos corações». É da esperança deste amor, remata Paulo, que vivemos!

O Evangelho deste Domingo (João 4, 5-12) traz-nos um pedido de partilha que vem desse amor divino que se fez peregrino necessitado: «dá-me de beber!». O pedido foi feito por Cristo a uma mulher. Ela tinha jarra para tirar a água do poço. Ele conhecia o segredo, o registo de Deus: «Se conhecesses o dom de Deus e quem é aquele que te diz “dá-me de beber”, tu é que lhe pedirias e Ele te daria água viva». A mulher resistiu (o poço é fundo, não tens balde...), como nós resistimos aos dinamismos da partilha e nos agarramos às riquezas que acumulamos, mas por fim chegou lá - «dá-me dessa água» - e encontrou sentido para as suas expectativas de Cristo, o Messias que havia de vir ensinar-nos estas coisas: sintonizar-nos com o registo divino da partilha, do empobrecer que a todos enriquece, a começar pela água que jorra neste mundo para uma vida eterna: «Sou Eu que estou a falar contigo!».

Pe. Manuel Augusto Lopes Ferreira, Missionário Comboniano



SAÚDE PARA TODOS

30 MARÇO | IV DOMINGO DA QUARESMA

SAÚDE PARA TODOS

REFERÊNCIAS

- LEITURA I - I Sam 16, 1b-6-7. 10-13a
- SALMO RESPONSORIAL - Salmo 22 (23)
- LEITURA II - Ef 5, 8-14
- EVANGELHO - 9, 1-41

REFLEXÃO

JOÃO PAULO NUNES
ENFERMEIRO DIRETOR NA ESCOLA SUPERIOR DE ENFERMAGEM
SÃO FRANCISCO DAS MISERICÓRDIAS

A **Saúde** não é **para todos**. A expressão, “saúde para todos”, transporta critérios de *uma saúde que alguém tem e pode dar*. Ora esta ideia está carregada de paternalismo, o qual Jesus rejeita frontalmente na situação descrita na leitura deste 4º domingo da Quaresma.



A **Saúde** é **de todos**. Aqui cada pessoa é responsável pela sua saúde e, os irmãos, na devida proporcionalidade, são responsáveis por subsidiar-lhe essa mesma saúde, já que falamos de um direito natural.

Saúde é, em primeiro lugar, harmonia e sintonia entre as diferentes partes do meu corpo. É homeostasia. Esta depende também da interação sociocultural e do sentido espiritual da vida. A pessoa pode viver em saúde, mesmo quando cada uma das partes do seu corpo e da sua vida, forem diferentes e únicas. Sim, porque o âmago da saúde está na minha singular identidade e na minha forma única de assumir o protagonismo de autodeterminação. Isto é a libertação, trazida por Jesus; a justa e clara percepção de que o Criador nos dá todas as ferramentas (interiores e externas), para nos permitir construir e manter, um estado de bem estar, connosco, com os irmãos, com a natureza e com Deus. Isto mesmo quando a diferença entre nós, é grande.

Esta visão compromete-nos a todos, na missão, não de dar saúde, mas de zelar para que cada irmão, tenha

SAÚDE PARA TODOS

condições para conhecer, cuidar e fortalecer a sua saúde.

O paternalismo positivista que Jesus recusa, transportava o preconceito de que deveria existir uma justificação para aquela cegueira. Era a ideia de causa-efeito. Não, a condição de cegueira não está associada a qualquer pecado. Da mesma forma, o subsídio à mudança na condição (entenda-se o equilíbrio de saúde) daquele homem, vem da terra e da água; da natureza. Vem dos recursos que Deus coloca na nossa vida, como apoio à nossa acção auto-libertadora. Reparemos que “*ficar a ver*” dependeu da acção dos elementos da natureza mas, também, da acção do próprio que foi “*lavar-se na piscina de Siloé*”. Necessitaria Jesus de que o cego se fosse lavar? Não. Então só pode ter sido para fazer daquele momento um espaço pedagógico de “*manifestação da Glória de Deus*”. E esta Glória é a **Verdade**; a genuína natureza de tudo o que foi criado, que demonstra de forma transparente (como o olhar daquele homem), o Rosto amável e saudável do Pai.

Neste contexto, a condição humana, qualquer que seja, não se associa à *falta de saúde* ou à *diferença física ou mental* que possamos transportar, mas antes à unicidade da nossa homeostasia e à condição social e comunitária que os irmãos nos proporcionam.

João Paulo Nunes, Enfermeiro



@ Nuno Macedo, FEC Angola (interior da Escola S. José no Lwena que foi reconstruída para reabrir no ano lectivo de 2012-2013)

PARTICIPAR NA CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE

6 ABRIL | V DOMINGO DA QUARESMA

PARTICIPAR NA CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE

REFERÊNCIAS

- LEITURA I - Ez 37, 12-14
- SALMO RESPONSORIAL - Salmo 129 (130)
- LEITURA II - Rom 8, 8-11
- EVANGELHO - Jo 11, 1-45

REFLEXÃO

JOSÉ AUGUSTO LEITÃO SVD
MISSIONÁRIO DO VERBO DIVINO

O episódio da ressurreição de Lázaro está marcado pela força mobilizadora do amor e da fé. As palavras amigo e amor são repetidas várias vezes: «Senhor, aquele que amas está doente.» (11,3); “Jesus era muito amigo de Marta, da sua irmã e de Lázaro.” (11,5); “o nosso amigo Lázaro está a dormir, mas Eu vou lá acordá-lo.” (11,14); “por amor de vós,” (11,15); “vede como era seu amigo!” (11,36). É a amizade que faz Jesus chorar e comover-se, rezar ao Pai e confiar no Seu amor, ressuscitar o seu amigo. É a amizade e solidariedade que leva muitos judeus a visitarem Marta e Maria para lhes apresentar condolências.



É o amor que desinstala e leva à participação na construção duma sociedade mais justa. É o olhar do coração que nos faz sair de nós mesmos e interessar-nos pelo bem do outro. Quem não ama, morre para o outro, fecha-se no oásis do seu egoísmo, insensível ao deserto que o circunda. Só o amor faz perder o medo de ajudar: “Disseram-lhe os discípulos: ‘Rabi, há pouco os judeus procuravam apedrejar-te, e Tu queres ir outra vez para lá?’” (11,8). É o dinamismo do amor que desperta o sair de si e a entrega dos discípulos: “Vamos nós também, para morrermos com Ele.” (11,16). O amor desperta a solidariedade e liberta-nos do comodismo do “cada um que se arranje”. O centro já não o eu indiferente, mas é aquele que sofre e está a necessitar de mim agora. A amizade e a sensibilidade pelo outro, quebram barreiras de sangue e alargam os laços de cumplicidade. É o amor que constrói uma sociedade-família.

A segunda realidade que marca este episódio é a fé em Jesus: “eu sei que tudo o que pedires a Deus, Ele to concederá.” (11,22). É a fé em Jesus que faz o amor ser fecundo e desinstala a desesperança, concentrando toda a confiança no

PARTICIPAR NA CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE

único que nos pode salvar da morte. A última palavra deixa de ser o sepulcro, a crise, a guerra, a injustiça... Jesus é a luz da esperança para onde todos se voltam, como a porta de salvação e o caminho de vida para todos.

A fé no Deus Emanuel, no Deus conosco, desperta o que está adormecido, perfuma o que cheira mal e em estado de putrefação, anima quem vê o presente como passado perdido, manda retirar as pedras que fecham o sepulcro do sem remédio, ordena ao que está morto para que saia para fora, liberta das amarras quem se deixou atar pelo desfalecimento. É a porta duma vida marcada pela dignidade e pelo respeito dos direitos humanos.

A fé é um motor de desenvolvimento e de progresso na humanização das relações, na construção da justiça e da paz, no apoio aos mais fracos e desprotegidos pela doença, pobreza, desemprego, migração e exploração. A fé em Jesus desperta-nos para a profecia do olhar e a participação na construção duma sociedade baseada no amor mútuo, na compaixão e na solidariedade que glorifica o Deus da vida.

José Augusto Leitão, Missionário do Verbo Divino



DAR-SE ATÉ AO FIM

13 ABRIL | DOMINGO DE RAMOS

DAR-SE ATÉ AO FIM

REFERÊNCIAS

- LEITURA I - Is 50, 4-7
- SALMO RESPONSORIAL - Salmo 21 (22)
- LEITURA II - Filip 2, 6-11
- EVANGELHO - Mt 26, 14-27, 66

REFLEXÃO

GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS **PRESIDENTE DO TRIBUNAL DE CONTAS**

A mensagem do Papa Francisco para a Quaresma de 2014 deve ser lida com cuidado e muito atentamente. Cada palavra encerra um apelo forte – na linha, aliás, da recente “Exortação Apostólica”. De novo, a idolatria aparece-nos referida como uma ameaça à dignidade humana e à atenção aos outros, à Verdade e à Vida. A indiferença, o egoísmo, a exclusão e a injustiça levam à barbárie e à desumanização.



“Quando o poder, o luxo e o dinheiro se convertem em ídolos antepõem-se à exigência de uma distribuição justa de riquezas. Portanto, é necessário que as consciências se convertam à justiça, à igualdade, à simplicidade e a compartilhar” – diz-nos o Papa. A justiça obriga à partilha de recursos e ao desenvolvimento humano, percebendo que a natureza é-nos posta à disposição como bem comum. A igualdade determina que todos os seres humanos preservem o que os une e o que os distingue. A simplicidade exige o respeito por todos, a recusa da ostentação e uma lógica de sobriedade. O ato de compartilhar tem a ver com dar e receber e com a compreensão dos outros. Quantas pessoas são obrigadas a viver a miséria “por condições sociais injustas, por falta de trabalho, que as priva da dignidade que leva o pão para casa, por falta de igualdade e respeito pelos direitos à educação e à saúde”? A pergunta do Papa é significativa e as respostas que formos capazes de encontrar levam a um conceito de desenvolvimento humano para que apontam as encíclicas “Pacem in Terris”, de João XXIII e “Populorum Progressio”, de Paulo VI – desenvolvimento que determina a compreensão dos limites, que obriga a recusar o entendimento de que podemos exigir tudo, para todos ao mesmo tempo, que aponta para a construção da paz a partir do envolvimento de todos no exemplo, no dar e

DAR-SE ATÉ AO FIM

receber, no preferir a justiça ao assistencialismo, na criação de lugares de autonomia, de dignidade e de compromissos para todos.

“Podemos privar-nos a fim de ajudar (diz o Papa) e enriquecer os outros com a nossa pobreza”. E acrescenta: “desconfio da esmola que não custa e não dói”. Dar-se até ao fim é nunca estarmos satisfeitos, percebendo sempre a nossa imperfeição e a nossa limitação. A mensagem não pode deixar-nos distraídos ou indiferentes. Tudo está por fazer.

Guilherme d'Oliveira Martins, Presidente do Tribunal de Contas



PARTILHAR A(S) BOA(S) NOTÍCIA(S)

20 ABRIL | DOMINGO DE PÁSCOA

PARTILHAR A(S) BOA(S) NOTÍCIA(S)

REFERÊNCIAS

- LEITURA I - Act. 10, 34a, 37-43
- SALMO RESPONSORIAL - Salmo 117 (118)
- LEITURA II - Col. 3, 1-4
- EVANGELHO - Jo 20, 1-9

REFLEXÃO

MARGARIDA ALVIM, FEC

As leituras do domingo de Páscoa falam-nos da urgência de partilhar o Bem. Na leitura dos Atos dos Apóstolos, Pedro lembra-nos como Deus ungiu com a força do Espírito Santo a Jesus de Nazaré, que passou fazendo o bem. Por sua vez, Paulo relembra os Coríntios de que um pouco de fermento leveda toda a massa, de como o Bem de cada um e de cada dia, pode gerar o Bem Comum, o Bem de todos, pode Humanizar. No Evangelho, vemos Maria Madalena, que ao sair no primeiro dia da semana para ir ao túmulo do Senhor, logo de manhã, ainda escuro, e vendo retirada a pedra que o tapava, corre para avisar Pedro, nem sabia bem de quê, mas já portadora de Esperança. E na sequência desta notícia, Pedro e João correm, vêem, e começam a crer, cada um no seu tempo.



Mais do que partilhar certezas, somos chamados a ser portadores de Esperança. É essa Esperança que nos permite sair do escuro e começar a ver mais além, a deixar que a saída do túmulo se faça. Não nos cabe ter todas as respostas, ter solução para tudo. Cabe-nos viver fiéis à certeza de que Deus a todos batiza com a força do Espírito Santo, para passar como Jesus, a fazer o Bem. Um Bem concreto, na realidade da nossa vida, das pessoas com quem trabalhamos. Não nos cabe fazer grandes coisas (no sentido em que tantas vezes somos tentados a desejar), cabe-nos fazer pequenas grandes coisas, que fazem toda a diferença, e que o Senhor multiplica, como fermento na massa. Cabe-nos partilhar as Boas Notícias cada dia, que abrem janelas de Esperança em todos aqueles com quem temos o privilégio de nos Cruzarmos, num Cruzamento que alimenta o sonho de Deus para cada pessoa, para todas as pessoas. Um Cruzamento que atualiza a Cruz de Jesus, que rompe o sem sentido, que traz vida em abundância.

Escrevo esta reflexão acabada de vir de um encontro internacional da Família ACI (leigos que vivem o seguimento de

PARTILHAR A(S) BOA(S) NOTÍCIA(S)

Jesus ao estilo de Santa Rafaela Maria, com um carisma eucarístico reparador partilhado com as Escravas do Sagrado Coração de Jesus), onde estavam representados 29 leigos e 13 Irmãs Escravas de 19 países e quatro continentes. Guiados pelo mote da Nova Evangelização, partilhámos, refletimos e rezamos experiências muito diferentes e ao mesmo tempo tão Comuns de Ressureição, que mostram bem visivelmente este fermento na massa, a transformar os quatro cantos do mundo. Pequenas sementes no meio do Tsumani do Japão, da extrema pobreza da Bolívia (humana e material), do crescimento democrático de Timor, reparando feridas de guerra...um traço bem forte destes dias foi o da Alegria, aquela a que nos exorta o Papa Francisco na sua Exortação Apostólica!

Também através de todos os projetos de Educação, Saúde, Capacitação, com um rede vasta de parceiros, a FEC vai multiplicando as pequenas sementes de Bem geradas com muitas pessoas e comunidades, que nos fazem com alegria querer ser portadores desta Esperança e Alegria Cristã como Maria Madalena, tão atualizada em tantos homens e mulheres que temos o privilégio de acompanhar, testemunhando a riqueza da Partilha que Humaniza.

Margarida Alvim, FEC